

(Fé para Hoje)

FÉ PARA HOJE é uma publicação periódica da Editora FIEL da Missão Evangélica Literária. Como outros ministérios da FIEL - as conferências e os livros - **FÉ PARA HOJE** é mais um passo de fé cujo propósito é semear o glorioso evangelho de Cristo.

O conteúdo desta revista representa uma cuidadosa seleção de artigos, escritos por homens que têm mantido *a fé que foi entregue aos santos*. Os artigos são escritos em quatro áreas: Expositiva e Teológica, Prática, Histórica e Tópica. Seguindo uma filosofia bem definida de difusão da fé reformada, a revista procura encorajar o leitor a pregar fielmente a Palavra da Cruz.

FÉ PARA HOJE é oferecida gratuitamente aos pastores e seminaristas. Não oferecemos assinaturas, porém, quem desejar receber 5, 10, 15 ou mais revistas do mesmo número, poderá recebê-las pelo correio, ao preço de R\$ 5,00 (cinco reais) cada pacote de 5 unidades. Quanto aos números anteriores, os pedidos serão atendidos, condicionados à disponibilidade em estoque, ao preço da edição atual.

Envie-nos sua correspondência:

Editora Fiel
Caixa Postal 1601
12230-990 - São José dos Campos, SP
Correio eletrônico: feparahoje@editorafiel.com.br

Todos os direitos reservados. É vedada a reprodução, total ou parcial, de matérias, artigos, fotos e ilustrações sem prévia autorização dos titulares dos direitos autorais. Em breves citações ou referências dispensa-se este procedimento, desde que seja informada a fonte. Cópias adicionais da revista deverão ser solicitadas.

As citações bíblicas em português são extraídas, normalmente, da Edição Revista e Atualizada no Brasil, da Sociedade Bíblica do Brasil. Quando outras versões são usadas, a fonte é especificamente citada.

Uma versão online da revista está disponível em www.editorafiel.com.br

CONTEÚDO

CULTOS AGRADÁVEIS AOS INCRÉDULOS	1
<i>Geoffrey Thomas</i>	
MOTIVO PARA SANTIDADE	4
<i>John White</i>	
A MENSAGEM DO CRISTIANISMO	8
<i>Jim Adams</i>	
PERGUNTAS PARA UM CANDIDATO AO PASTORADO	12
<i>Jim Elliff e Don Whitney</i>	
RESOLUÇÕES DE JONATHAN EDWARDS	17
CALVINISMO VERSUS ARMINIANISMO	19
<i>David N. Steelle e Curtis Thomas</i>	
ELEIÇÃO	23
<i>Walter Thomas Conner</i>	
A INCAPACIDADE DA VONTADE HUMANA	24
<i>Arthur W. Pink</i>	
A SOBERANA VONTADE DE DEUS	26
<i>Don Haddleton</i>	
O FIM DO MUNDO	29
<i>O. Palmer Robertson</i>	
QUEM QUER SER UM MILIONÁRIO	31
<i>Peter Jeffery</i>	

CULTOS AGRADÁVEIS AOS INCRÉDULOS

Geoffrey Thomas

Um amigo me contou o que aconteceu à sua esposa, quando se vestia em determinada manhã. Ele observou que ela abotoou o casaco colocando o primeiro dos botões na segunda casa e assim sucessivamente, por treze vezes. Por fim, descobrindo que um dos botões havia sobrado, ela percebeu o que estivera fazendo. “Quantos erros ela tinha cometido?”, ele se perguntou. “Um ou treze? Treze, porque ela tinha cometido um erro fundamental no começo.”

Este mesmo princípio é verdadeiro no que se refere à adoração: os crentes cometem o erro fundamental de crer que o propósito de reunirem-se aos domingos é a evangelização. Em seguida, os crentes avaliam tudo que compõe nosso culto à luz dos incrédulos que podem estar por acaso em nosso templo ou por terem sido convidados. Nada deve intimidá-los, ameaçá-los ou iludi-los. E, visto que eles não conhecem o sentido das palavras ou as melodias de nossos hinos, é recomendável a adoração na

forma de cânticos de grupos musicais. O conceito de leitura pública de um livro que desconhecem é totalmente estranho para eles. Portanto, se houver leitura, tem de ser bem curta. Igrejas mudam a Ceia do Senhor para uma reunião particular no domingo pela manhã ou na quarta-feira à noite. As orações devem ser curtas e simplistas, bem como o sermão, que deve abordar assuntos que interessam aos incrédulos, tais como: solidão, maridos ausentes, falta de esperança, falta de contentamento, mágoas, dificuldade de criar adolescentes, e como lidar com tais problemas. A partir desta reunião de domingo, os incrédulos devem sentir-se encorajados a participar de pequenos grupos de estudo e de um curso sobre as doutrinas em que nós cremos. E somos fortemente encorajados a acabar com a forma de adoração a Deus que temos praticado por muitos anos.

No entanto, todas estas idéias mudarão, se cremos que nossa adoração está centralizada em Deus, que

se revelou através da Bíblia. Nossa preocupação será agradar este grande Deus. Como devemos nos aproximar dEle? Somente por intermédio do nome do Senhor Jesus Cristo (temos de deixar isso bem claro); somente por meio de seu sangue e sua justiça; depois, com confiança exultante, mas também com reverência e piedoso temor. Quando o Filho de Deus orou, Ele mesmo se ajoelhou na presença do Deus que é fogo consumidor. Se alguém tinha direito de ser informal e casual com seu Pai, este alguém era

Jesus de Nazaré. O Senhor Jesus nunca magoou seu Pai, mas se prostrava quando falava com Ele. Tudo o que fazemos e dizemos tem de ser agradável a Deus, ou seja, o Senhor Deus está ciente até do que se passa no íntimo daqueles que ofertam pequenas moedas; Ele se deleita com a alegria que demonstramos na administração de nossos talentos e em tudo o que fazemos. Nosso louvor e orações precisam estar de acordo com as Escrituras, e, acima de tudo, a Palavra pregada tem de servir ao propósito de agradar a Deus, porque o sermão é o aspecto mais importante da adoração, visto que através dele o Criador do universo fala a seres insignificantes. A mensagem, tanto em seu conteúdo quanto em seu significado, deve proporcionar aos incrédulos que foram atraídos ao culto o conceito exato a respeito de quão

glorioso Ser é o Deus vivo — Pai, Filho e Espírito Santo — terrível em seu poder, incomparável em sua glória e extraordinariamente gracioso.

Não existe qualquer indício de que a Igreja tem uma chamada para afagar as emoções dos incrédulos. Os líderes da adoração não podem dizer: “Bem, sabemos que vocês não estão interessados na vida e na morte do Senhor Jesus Cristo. Por isso, temos algo mais para vocês”. Na verdade, não temos algo mais, além de Cristo.

Temos de ser absolutamente claros e unânimes sobre isso, na congregação e no púlpito. Se eles não querem nosso Salvador, não podemos substituir a mensagem com maneiras de temperarem seu casamento, assim como não podemos utilizar um culto musical, coreografia ou regras de procedimento, para tornar mais agradável o seu trabalho no escritório, ou oferecer um curso sobre a vida de solteiros. Tudo o que temos a oferecer-lhes é um Profeta que os ensinará, um Cordeiro que removerá a culpa deles e um Pastor que os guiará e os protegerá.

Nossa própria vida tem de ser tão semelhante à de Cristo quanto possível, especialmente quando nos reunimos. Nós nos reunimos para encorajar uns aos outros a viver como imitadores de Deus. Precisamos ser irrepreensíveis em nosso vestir, nossa linguagem, nosso uso do tempo, nossos relacionamentos ou mesmo

■

*Quando o Filho de Deus
orou, Ele mesmo se
ajoelhou na presença
do Deus que é
fogo consumidor.*

■

em nosso humor, a fim de sermos conhecidos como aqueles que desejam agradar o Jeová Jesus em todas as coisas; e nosso evangelismo está fazendo com que o mundo perceba isto e saiba por que cremos nisto. Os incrédulos descobrem que estão na companhia daqueles que têm como objetivo principal o glorificar a Cristo.

Odiamos qualquer coisa que não deixe isto bastante claro para eles; como, por exemplo, uma forma de adoração vazia que não tem qualquer significado. Queremos que nossas palavras sejam cheias de sentimentos e de afeições de temor a Deus. Linguagem popular e simplista é menos importante do que uma linguagem com elementos mais profundos e eficazes. Sempre ficamos comovidos quando as pessoas nos falam, de modo tão amável e transparente, a respeito do Salvador e de seu amor por elas, o que demonstra que abandonaram sua maneira frívola e irreverente de falar. Apreciamos muito isso; e trememos no que diz respeito a quaisquer tentativas que insistem em que nossa maneira de expressão no culto deve ser a linguagem comum de nosso dia-a-dia. Essa linguagem pode ser

correta para a comunicação correta com os outros, mas não para expressar as maravilhas de tão grande salvação. Se o estilo e a maneira de nos expressarmos, quando nos reunimos na presença de Deus, são aqueles mesmos que os incrédulos ouvem entre eles, no escritório ou em seu ambiente educacional, então, fa-

— ■ —
*O sermão é o
 aspecto mais
 importante da adoração.*
 — ■ —

lhemos em alcançá-los. Nós, aqueles a quem o Senhor buscou e salvou, somos sensíveis às verdadeiras necessidades dos incrédulos. Portanto, se empregarmos qualquer coisa vulgar e superficial, estaremos cometendo o pecado de sugerir-lhes uma deidade indigna da atenção deles. Conseqüentemente, nossa adoração tem de ser simples, espiritual, calorosa, reverente, substancial, caracterizada por orações espontâneas, com hinos de mensagem profunda; uma adoração que terá como clímax a pregação expositiva; uma adoração apoiada em formas que rapidamente obtêm familiaridade com o que é divino; então, estes se tornam os melhores meios de conduzir as pessoas a Deus, a quem servimos, e de impedir que a atenção delas se prenda na observação de um pregador engenhoso que lhes esteja falando.

☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆

*Existe mais mal em uma gota de pecado
 do que em um mar de aflição.*

Thomas Watson

MOTIVO PARA SANTIDADE

John White

“A santidade é algo útil. Se você for santificado, o povo será atraído às suas reuniões, e conseguirá melhores resultados. Deus não pode usar um ‘vaso impuro’. Portanto, deixe que Ele examine e purifique sua vida. Você colherá como benefícios a paz de coração e maior sucesso no trabalho de Cristo. Talvez você possa até começar um avivamento...”

Provavelmente ninguém lhe fez declarações como estas, assim tão abruptamente, porém muitos costumam fazê-las de maneira indireta. Em alguns aspectos, este argumento nos lembra a afirmação de Dale Carnegie: “Aprenda a ser bondoso. Isto é algo útil. Você ganhará amigos, influenciará as pessoas e obterá sucesso na vida!”

No entanto, o erro deste argumento está em seu apelo a motivos egoístas, sendo exatamente neste aspecto que ele e as palavras de Dale Carnegie são muito semelhantes à atitude moderna para com a santidade de vida.

Alguns nos dizem: “Seja santo e você será mais útil”. Mas Deus nos aconselha apenas: “Seja santo, porque Eu sou santo”. Pureza de coração

não é a moeda com a qual negociamos com Ele, em troca de bênçãos.

Infelizmente, muitos de nós pensamos ou agimos como se isto fosse verdade. Alguns de nós, conservando-nos corajosamente ao lado da brilhante multidão cristã, perdemos secretamente toda esperança de ser usados por Deus. Lutamos arduamente contra o pecado, a fim de viver uma vida cristã mais eficiente. Vivendo em uma era de pragmáticos e rodeados por livros que versam principalmente sobre o assunto de como viver a vida cristã, fomos ensinados a adorar os resultados mais do que o Doador dos resultados. Procuramos a pureza como um meio para alcançar um fim, e não como um fim em si mesmo.

Isto, por sua vez, nos fez crescer no legalismo, como se estivéssemos sendo caçados por motivos condenadores. Temos barateado a santidade (vendo-a como algo que podemos usar e não como um atributo de Deus) e, assim, perdemos a alegria e a maravilha de recebê-la gratuita e livremente, em Cristo.

Se a santidade se torna uma moeda para negociarmos com Deus, o respeito próprio exige que, em certo

sentido, obtenhamos essa moeda. Você não pode negociar com Deus para obter aquilo que lhe foi dado gratuitamente. Mas, inconscientemente (quer seja por esforço pessoal, quer seja por um “se Deus quiser”), você procura estabelecer crédito com Deus. E, quanto mais você se esforça, mais a verdadeira santidade foge de você. Em sua luta inútil, tanto pela santidade como pelo “sucesso” cristão, tragicamente você não consegue nada, vendo-se sobrecarregado com sentimentos de culpa e derrota.

A situação se torna mais complexa quando você pergunta a si mesmo o que significa ser “usado”. Significa que seus livros serão bem vendidos? Que seu movimento cristão ou que o rol de membros de sua igreja aumentará? Que as pessoas dirão o quanto foram edificadas e abençoadas por suas mensagens? Que sua agenda estará cheia de compromissos? Até pessoas incrédulas poderiam reivindicar tudo isso e muito mais. Aquilo ao que por vezes nos referimos como “o selo da benção divina” pode não ser nada mais do que um tributo às técnicas de marketing ou às nossas próprias capacidades.

Não é totalmente correto dizer que você será “abençoado” ou “usado” de conformidade com o grau de sua santidade. Considere Jacó, por exemplo. Deus havia decretado que Jacó seria abençoado. Ele ganharia ascendência sobre Esaú e lavaria adiante a linhagem escolhida. O fato de Jacó haver mentido e enganado, para “ganhar” as promessas, não o fez perdê-las, visto que Deus, já havia determinado que ele as possuiria. Jacó não herdou as promessas por ser

mais merecedor. Seu pecado não interrompeu o plano divino, assim como a sua obediência não serviu de um auxílio para este plano. O que Jacó perdeu foi a comunhão pessoal com Deus, além de sofrer, desnecessariamente, ansiedade e tensão por muitos anos de sua vida.

Outro dia, alguém me disse: “Você não pode estar certo a respeito de Fulano! Se Deus o está usando para ganhar almas, ele não pode estar vivendo em pecado”. Entretanto, aquela pessoa estava enganada. Não quero apresentar ilustrações extraídas da vida moderna, pois corremos o risco de fazer com que sujeiras se espalhem. Todavia, a verdade é que pecadores podem ser ganhos para Cristo — às vezes, em grande número — por um homem que mais tarde é descoberto como alguém que estava “vivendo em pecado” ou sonegando impostos. (A maior parte dos obreiros cristãos pode testemunhar isso.)

Estas afirmações nos perturbam. Nossa tendência é pensar que tal homem nunca foi usado de maneira alguma e que todo o seu trabalho foi uma ilusão. No entanto, não podemos resolver este assunto assim tão facilmente. Parece que um trabalho espiritual genuíno foi realizado. Podemos apenas dizer (sentindo-nos insatisfeitos com isso): “Bem, Deus é soberano!”

Parte de nossa dificuldade surge de uma atitude errônea quanto ao assunto de ser “usado” por Deus. Raramente não sentimos em nosso íntimo certa lisonja, quando Deus nos usa. Ser “abençoado” e “usado” é uma espécie de recompensa. Traz

consigno apreciação e distinção, embora, naturalmente, tenhamos de permanecer “humildes”. Visto que nosso mundo está repleto de pessoas famosas e celebridades, criamos também um mundo cristão repleto de celebridades evangélicas, que ganharam esse lugar entre nós por causa de uma dedicação mais profunda ou porque “andaram mais perto de Deus”. Portanto, em nossa lógica achamos que, se um homem não

“merece” ser usado, é injusto que ele seja distinguido por Deus. Vemos tudo do ponto de vista de nossa cultura cristã de celebridades, e não do ponto de vista da glória e do plano de Deus.

No entanto, existe uma objeção ainda mais profunda. Será que Deus não está comprometendo sua própria santidade, quando “usa” e “abençoa” uma pessoa pecaminosa? De modo nenhum! A atitude divina para com o pecado permanece implacavelmente hostil. Deus odiava o pecado de Jacó, mas continuou a lidar com ele, até fazendo-o prosperar. Ele odeia o pecado, embora, em sua graça, possa abençoar o pecador e, para sua glória, continuar usando-o.

É neste ponto que se encontra o verdadeiro perigo desta crença errônea. Você pode imaginar que Deus o está usando e permanecer

— ■ —

A tragédia é que desenvolvemos um senso distorcido de valores, de modo que, em nosso coração, estamos mais preocupados em ser “usado” ou “ter um testemunho eficiente” do que em ser santificado e ter comunhão com Deus.

— ■ —

tranquilo, pensando que em sua vida não existe nada “elevado” que Deus rejeita. Esta é uma hipótese ilógica.

Em certa ocasião, um jovem missionário testemunhou da grande bênção espiritual que outro missionário havia sido para ele. Dois meses mais tarde, o missionário que era uma “grande bênção” foi descoberto como alguém que tinha roubado sistematicamente os recursos financeiros da missão, durante vários

meses. Talvez você não esteja roubando ou cometendo adultério. Mas, quão éticas são as suas relações com os outros? Você pode imaginar que a comparação é irrealista. Se você roubou, sua própria consciência lhe fará passar por um tempo difícil. Provavelmente isso já está acontecendo. O fato admirável sobre o missionário que era uma “grande bênção” é que ele se mostrou incapaz de ver seu próprio erro. Não sei o que se passava no íntimo dele. No entanto, ele conseguiu justificar-se a seus próprios olhos. Talvez você não seria tão bem-sucedido como ele em justificar-se, se tivesse de roubar. Mas é provável que você esteja fazendo um “bom serviço”, mesmo encobrendo outro erro moral. Deus o está usando, portanto...

Por outro lado, você pode estar se sentindo infeliz, porque Deus não

o está usando mais, e se atormentando, até descobrir uma mancha escondida. E, depois da descoberta, ficará desconcertado, quando não for grandemente “usado”. Sua utilidade é um termômetro falível de sua condição espiritual.

Não me compreenda mal. Ao invés de afirmar que o pecado não tem importância, estou dizendo que ele é mais importante do que procuramos admitir. O pecado não é simplesmente algo que impede o homem de progredir em sua “carreira cristã”; é uma ofensa contra Deus, um insulto ao seu nome. O pecado faz com que os anjos chorem e os demônios exultem. Tampouco é verdade dizer que o pecado não tem qualquer efeito em sua vida cristã. Você ainda pode ser usado, embora também exista a tendência de que não o seja. Você não terá comunhão com Deus, nem será “vitorioso”. Você não pode brincar com o pecado e, ao mesmo tempo, vencê-lo, ainda que às vezes seja esperto e camufle a derrota.

“Quem subirá ao monte do SENHOR? Quem há de permanecer no seu santo lugar?”

A tragédia é que desenvolvemos um senso distorcido de valores, de modo que, em nosso coração, estamos mais preocupados em ser “usado” ou “ter um testemunho eficiente” do que em ser santificado e ter comunhão com Deus.

Muitos de nós se importam mais em ter uma vida cristã bem-sucedida do que em subir ao monte do Senhor. Embora odiemos admitir tal coisa, pensamos realmente que a comunhão

com Deus é valiosa para nos tornar “mais eficazes” em nosso trabalho cristão. Não procuramos a comunhão com Ele porque O amamos, e sim porque desejamos ser vasos mais eficazes.

No entanto, em nosso íntimo continuamos insatisfeitos. Nosso coração se recusa a ser enganado. Algo não está de acordo com o serviço cristão, para o qual fizemos tão grande depósito. Constatamos que somos usados para mostrar o Salvador a alguma pessoa, mas esta experiência parece superficial. Já não desfrutamos daquela felicidade intensa que nos fazia dizer: “Não há alegria maior do que levar alguém ao Senhor”. Embora naquela época não o compreendêssemos, tal felicidade surgiu, em parte, como resultado da intimidade com o Senhor, que era tudo para nós, e, em parte, como resultado de nossa empenho em levar alguém diante do Senhor. O que nos falta é esta intimidade com Ele, ou seja, a verdadeira santidade. Perdemos a Deus no meio do serviço cristão.

Ele ainda está perto de nós, se O quisermos. Não desfrutamos dEle, porque não O procuramos e porque O procuramos apenas como um suplemento para nosso serviço cristão. Nós encontraremos a Ele e a verdadeira santidade, quando O buscarmos de todo o nosso coração.

Enquanto isso, tenhamos cuidado para que, em nossa preocupação com “eficiência”, não vendamos nosso direito de primogenitura por um “prato de lentilhas” (Gn 25.31-34).

A MENSAGEM DO CRISTIANISMO

Jim Adams

A palavra “evangelho” descreve a mensagem do cristianismo. Na epístola de Paulo aos crentes de Roma, encontramos uma proclamação detalhada das doutrinas do cristianismo. As grandes verdades da Bíblia estão ali condensadas pelo Espírito Santo em uma das mais profundas obras literárias existentes. Na primeira sentença dessa obra-prima, encontramos a expressão “o evangelho de Deus”. A mensagem do cristianismo é uma mensagem de Deus, visto que Ele é o seu **Autor**, seu mais importante **Assunto** e seu **Intérprete**.

1. O AUTOR DO EVANGELHO — DEUS, O PAI

Sua Pessoa: O autor do evangelho é incompreensível (Is 40). Ele é o Senhor Deus Todo-Poderoso, que os céus e a terra não podem conter, para quem a terra é menor do que uma pequena poeira na balança. “Ele não precisa de nada, e sua imaculada felicidade não pode, de maneira al-

guma, ser afetada. Aquilo que chamamos de espaço infinito é apenas uma mancha pequena no horizonte do olhar divino. Aquilo que chamamos tempo infinito é, aos olhos de Deus, como o dia de ontem que passou. Ele é sublime em sua glória inatingível, a sua vontade é a lei irresistível de toda a existência, e com essa lei todos os acontecimentos se conformam. Deus é incomparável em majestade e está revestido de poder; a justiça e a retidão são os fundamentos do seu trono. Ele se assenta nos céus e faz o que Lhe agrada (Sl 115.3). Este é o Deus a respeito de Quem dizer que é o Senhor de toda a terra significa falar tão pouco sobre Ele, que equivale a dizer nada.”¹ Este é o Autor do evangelho.

Seu plano: O evangelho é boas-novas para o homem caído. Deus poderia ter destruído todo este mundo pecaminoso. Mas o santo Criador decidiu enviar seu Filho unigênito para salvar pecadores. Ele ordenou o evangelho antes da fundação do mun-

do (1 Pe 1.20). Deus não resolveu salvar o homem por causa de qualquer coisa que havia nele, visto que elaborou o plano de salvação antes mesmo que o homem existisse (Ef 1). A mensagem do cristianismo não é nova, mas se originou na mente eterna de Deus. O apóstolo Paulo, escrevendo a Timóteo, seu companheiro de trabalho, afirmou que a grande origem do evangelho é o propósito e a graça de Deus, “que nos salvou e nos chamou com santa vocação; não segundo as nossas obras, mas conforme a sua própria determinação e graça que nos foi dada em Cristo Jesus, antes dos tempos eternos, e manifestada, agora, pelo aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus, o qual não só destruiu a morte, como trouxe à luz a vida e a imortalidade, mediante o evangelho” (2 Tm 1.9-10). O Autor do evangelho não é o homem, e sim o Rei santíssimo de todo o universo. O homem não pode entender corretamente o evangelho de Deus, a menos que aceite essa verdade.

2. O ASSUNTO DO EVANGELHO – DEUS, O FILHO

Jesus Cristo é a síntese e o conteúdo do evangelho de Deus. Surge, porém, aquela profunda pergunta: quem é Jesus Cristo? Historicamente, Ele era um homem que viveu há cerca de dois mil anos. Ele possuía um corpo físico como qualquer outro ser humano. Nós podemos contemplá-Lo quando seu corpo foi esmurrado, lacerado com o chicote, coroadado com espinhos e pregado na cruz do Gólgota. Em seguida, des-

coberimos que centenas de pessoas O viram, depois que ressurgiu dos mortos (1 Co 15.6). Sim, Jesus Cristo é mais do que um homem da História. Ele é o Filho de Deus — Deus manifestado em carne (Jo 1).

Por que o Deus todo-poderoso se humilhou e tomou sobre Si mesmo a semelhança de carne pecaminosa?

Primeiro: Somos espiritualmente ignorantes e necessitamos de um mestre divino. “Disse, na verdade, Moisés: O Senhor Deus vos suscitará dentre vossos irmãos um profeta semelhante a mim; a ele ouvireis em tudo quanto vos disser” (At 3.22). Cristo é o mestre que precisamos para conhecer a Deus.

Segundo: Sem Cristo, você é culpado e está condenado, necessitando de um Salvador, um Substituto para remover os seus pecados, um grande Sumo Sacerdote para oferecer um sacrifício de expiação suficiente para satisfazer a justiça de Deus. “Este, no entanto, porque continua para sempre, tem o seu sacerdócio imutável. Por isso, também pode salvar totalmente os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles. Com efeito, nos convinha um sumo sacerdote como este, santo, inculpável, sem mácula, separado dos pecadores e feito mais alto do que os céus, que não tem necessidade, como os sumos sacerdotes, de oferecer todos os dias sacrifícios, primeiro, por seus próprios pecados, depois, pelos do povo; porque fez isto de uma vez por todas, quando a si mesmo se ofereceu”

(Hb 7.24-27). Jesus é o único que pode remover a sua culpa e torná-lo limpo.

Terceiro: Estamos em escravidão e necessitamos de um Rei para nos libertar. Somos governados pelas concupiscências da carne, pelas concupiscências dos olhos e pela soberba da vida; precisamos de um Rei justo que nos liberte e nos governe. Jesus Cristo é esse Rei, que reinará até colocar todos os seus inimigos debaixo dos seus pés (1 Co 15.25). O evangelho diz: “Crê no Senhor Jesus e serás salvo” (At 16.31). Creia em Jesus como seu **Mestre, Sacerdote e Rei**. Se você confia em qualquer outra pessoa, e não em Cristo, você tem um falso Cristo, que não é o Cristo da Bíblia.

3. O INTÉRPRETE DO EVANGELHO — DEUS, O ESPÍRITO SANTO

Por que alguns homens inteligentes não crêem em Jesus, conforme Ele é revelado nas Escrituras? Pela mesma razão por que, embora o sol proporcione luz a todos os homens, para que vejam com clareza, alguns não podem ver. O homem é espiritualmente cego e necessita de um intérprete. Você precisa do auxílio divino para ver Cristo. Não é culpa do sol que alguns homens não vêem. O problema está na própria cegueira de tais homens. Espiritualmente, o homem é cego e precisa que os olhos de seu entendimento sejam iluminados (Ef 1.18). Deus tem de resplandecer no coração do homem. “Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para

iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2 Co 4.6).

Temos de renunciar nossa auto-suficiência como a medida de todas as coisas. Um conhecimento salvífico de Deus não é uma realização humana, e sim um dom de Deus. Ninguém pode vir a Cristo, se o Pai não o trouxer (Jo 6.44). Um erudito contemporâneo disse que o homem “não tem qualquer poder para agradar a Deus. O homem não é capaz de fazer outra coisa, além de permanecer no pecado. Por conseguinte, a salvação do homem tem de ser uma obra que resulta totalmente da graça de Deus, visto que o homem nada pode contribuir para a sua salvação. E qualquer apresentação do evangelho que afirme que Deus manifesta a sua graça para com o homem, não salvando o homem e sim tornando-o potencialmente capaz de salvar a si mesmo, tal apresentação do evangelho precisa ser rejeitada como uma mentira. Toda a obra de salvação do homem, desde o começo até ao final, é uma realização de Deus. E toda a glória da salvação tem de ser tributada a Ele”.² Você precisa olhar para o Senhor Jesus, e não para si mesmo, a fim de obter a salvação.

O Senhor Jesus disse: “Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar. Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” (Mt 11.27-28). Você nunca poderá ter alívio, enquanto não descansar no Senhor Jesus Cristo.

Se você ainda não está descan-

sando em Cristo, recomendo que recorra à misericórdia de Deus, pedindo que o seu Filho revele-se a Si mesmo para você, reconhecendo isto: todo o que o Pai dá a Cristo virá a Ele, e aquele que vem a Cristo jamais será lançado fora (Jo 6.37). Lembre-se de que Jesus disse: “Vinde a mim, todos os que estais cansados

e sobrecarregados, e eu vos aliviarei” (Mt 11.28).

1. B. B. Warfield, *Biblical and Theological Studies*, p. 513.

2. J. I. Packer, *Introduction to Martin Luther, The Bondage of the Will*, p. 48.

Se a trombeta der som incerto, quem se preparará para a batalha?

1 Coríntios 14.8

Hoje em dia, temos perto de nós uma classe de homens que falam de Cristo e até pregam o evangelho, mas depois pregam igualmente muitas coisas que não são verdadeiras, destruindo o bem que fizeram e induzindo os homens ao erro. Eles querem ser considerados "evangélicos", mas, na verdade, pertencem a uma escola antievangélica. Observem esse tipo de pessoa. Tenho ouvido dizer que uma raposa, quando perseguida muito de perto pelos cães, finge ser um deles e corre com eles. É isso o que alguns estão desejando agora: *que as raposas pareçam cães*. Mas, no caso da raposa, o cheiro acentuado que ela libera em breve há de traí-la, e os cães depressa a descobrirão. Do mesmo modo, o cheiro de falsa doutrina não é ocultado facilmente, e o jogo não continuará por muito tempo. Existem pregadores dos quais é difícil dizer se são raposas ou não; no entanto, todos os homens devem saber aquilo que somos enquanto vivermos. Eles não devem ter dúvidas quanto àquilo em que acreditamos e ensinamos. Não hesitaremos em proferir as palavras mais severas que pudermos encontrar em nossa língua, nem vacilaremos em utilizar as frases mais simples que pudermos construir, para anunciar aquilo que consideramos a verdade fundamental.

C. H. Spurgeon

(Trecho do sermão "A Maior Luta do Mundo")

PERGUNTAS PARA UM CANDIDATO AO PASTORADO

Jim Elliff e Don Whitney

Às vezes, acontece que um pastor enfrenta oposição da parte daquelas pessoas que antes o promoviam de maneira entusiástica. Por que isso acontece? Com frequência, isso ocorre por causa da comunicação superficial que houve entre o pastor em potencial e os membros da igreja, antes de ele assumir seu pastorado. Em nossos dias, é possível que um pastor seja escolhido para uma igreja sem que perguntas sérias lhe sejam dirigidas, e, menos ainda, perguntas a respeito de doutrina. Sugerimos que as igrejas tenham o mais completo diálogo possível sobre os assuntos de doutrina, prática e estilo de vida cristã. Se a igreja falhar em fazer isso, o próprio candidato ao pastorado deve procurar esse tipo de diálogo. Tal procedimento protege tanto o pastor quanto a igreja.

Dois outros assuntos são extremamente importantes. Primeiro, o candidato ao pastorado deve apresentar uma lista de referências. A igreja tem de seguir com muita atenção essas referências e solicitar que as pessoas citadas apresentem outros nomes como referência sobre o pastor. Deve-se tributar atenção ao fato de que, às vezes, pessoas deixam de gostar de outras não por causa dos erros destas. (O próprio Senhor Jesus foi odiado.) A inquirição por meio de referências lhes assegura que o pastor tem um bom testemunho tanto da igreja como “dos de fora” (1 Tm 3.7). O questionamento das pessoas apresentadas deve centralizar-se na lista de 1 Timóteo 3.1-7 e Tito 1.5-9. Essas listas de qualificações foram escritas para servirem como instrumento de *observação* das vidas de candidatos à liderança das igrejas, e *não* como uma lista de perguntas a serem dirigidas aos candidatos. Essa observação é extremamente importante. O ideal seria que a igreja convivesse com o candidato ao pastorado, observando sua vida durante meses ou

mesmo anos. Visto que, infelizmente, esse não é o padrão seguido pela maioria das igrejas, vocês têm de depender muito de atentarem às referências fornecidas. Respostas superficiais e subjetivas da parte do próprio candidato podem causar uma distorção da verdadeira situação. A avaliação que sugerimos em seguida se refere às passagens bíblicas mencionadas, mas a sua utilização pode ser mais abrangente. Vocês devem utilizá-las amplamente na conversa com as pessoas apresentadas como referências. Isso não significa que as passagens bíblicas citadas não são extremamente importantes no questionamento que o candidato pode fazer para *si mesmo*.

Relacionada à primeira, existe uma segunda consideração: devem ser feitos muitos esforços para apresentar à igreja os diversos aspectos da vida do pastor em perspectiva, durante tanto tempo quanto possível, antes de chegarem a alguma decisão. Esse tipo de apresentação não é um problema, quando a igreja tem de escolher pastores dentre os seus próprios membros; todavia, tal apresentação cria realmente um problema considerável para aqueles que trazem um novo pastor de fora da igreja. Um fim de semana de cultos não é suficiente para que as pessoas fiquem corretamente informadas. Devemos lembrar: o pastor, se for chamado a pastorear, estará na igreja durante um extenso período de tempo, influenciando nossas famílias e comunidade para Cristo. Sabemos que vocês estão prontos para receber um novo pastor. Mas existe algo pior do que não ter um pastor — *ter o pastor errado*.

Apresentamos nossa sugestão final: depois das conversas iniciais, pensem em ter gravadas ou escritas as respostas destas perguntas, por parte daquele que é o mais sério candidato ao pastorado da igreja. Perguntem-lhe se o seu interesse é tão grande, que ele aceitaria avançar para esse estágio de inquirição, dizendo-lhe que isso tomará boa parte de seu valioso tempo. Esse questionamento mais profundo é para aqueles que demonstram um nível de interesse elevado. Perguntas esclarecedoras podem ser feitas, posteriormente, por telefone ou conversas pessoais. Um grupo selecionado destas perguntas pode ser dirigido ao candidato nas grandes reuniões da igreja, a fim de permitir que o pastor em perspectiva fale sobre algumas de suas crenças e outras perguntas lhe sejam apresentadas.

As perguntas alistadas em seguida não estão colocadas em ordem de significância. Algumas delas podem não ser importantes para vocês. Talvez vocês queiram acrescentar outras perguntas. Não existe o pastor perfeito. No entanto, atenção a estas questões, juntamente com extensos períodos de oração, ou mesmo jejum, pode lhes dar garantia de encontrar o pastor certo para a sua igreja.

1. Existem muitas pessoas que professam seguir a Cristo, mas estão enganadas. Que evidências você tem de que Deus lhe deu vida?
2. O que significa para alguém amar a Deus? De que maneiras você percebe o verdadeiro amor bíblico para com Deus manifestado em sua pró-

pria vida? Você percebe o verdadeiro amor bíblico para com Deus na vida de sua esposa e de seus filhos?

3. O que a sua esposa sente a respeito de seu compromisso com o pastorado? E como os seus filhos reagem?

4. Por que você acredita que Deus o quer no pastorado?

5. Examine cuidadosamente cada uma das qualificações bíblicas para pastores e diáconos (1 Tm 3; Tt 1.5-9; At 6.1-6; 1 Pe 5.1-4). Quais são as suas qualificações mais fortes? Com quais dessas qualificações você tem mais dificuldade? Por que você acredita que essas áreas de dificuldade não o desqualificam para o ministério? (Observe a expressão “é necessário” — 1 Tm 3.2.)

6. Um pastor é encarregado por Deus a pregar para a igreja e a pastorear as pessoas de maneira individual. Que aspecto do ministério apela mais a você? De que maneiras específicas você poderia ser auxiliado a desenvolver suas habilidades nessas duas áreas?

7. Quais são os seus métodos de envolver-se nas vidas das pessoas, enquanto as pastoreia e vela por suas almas?

8. Que atividades caracterizam seu interesse evangelístico? Como você lida com o assunto do evangelismo pessoal e do coletivo?

9. O que você pensa a respeito do aconselhamento? Como você administra a abundante necessidade de aconselhamento?

10. Quais são as suas práticas costumeiras e específicas a respeito de disciplina espiritual (ou seja, oração, estudo bíblico, meditação, mordomia, etc.)?

11. Como você descreve um pastor bem-sucedido e uma igreja bem-sucedida?

12. Em que bases o pastor pode ser considerado uma pessoa responsável? Que relacionamentos de sua vida fornecem senso de responsabilidade por suas atitudes e comportamento, tanto em sua vida pessoal como em seu ministério pastoral?

13. Quais são os seus autores, teólogos e comentaristas evangélicos favoritos? Por quê? Que livros você leu recentemente?

14. Descreva uma ocasião em que você fez tentativas de reformar a igreja em alguma área importante. Quais foram os resultados? O que isto custou para você mesmo?

15. Descreva seu estilo de liderança. Quais têm sido alguns de seus pontos fracos e de seus pontos fortes?

16. Quando você enfrentou oposição, isso ocorreu na maior parte das vezes por causa de seu estilo de liderança, de sua personalidade, de suas crenças ou de alguma outra coisa?

17. De acordo com sua observação, que doutrinas precisam de ênfase especial em nossos dias?

18. O que é o verdadeiro arrependimento bíblico?

19. O que é a verdadeira fé bíblica?

20. Explique a justificação pela fé. Qual a diferença entre o ponto de vista do Catolicismo Romano e o ponto de vista bíblico a respeito da justificação pela fé?

21. Explique seu ponto de vista a respeito da santificação. Quais são os vários meios que Deus usa para santificar o crente?

22. Uma pessoa pode ter Cristo como seu Salvador e não estar em sujeição a Ele como Senhor? Explique.

23. Qual a sua posição a respeito da inerrância das Escrituras?

24. Explique a expressão bíblica “Batismo do Espírito”. Quando ocorre esse batismo?

25. Quais são as suas opiniões sobre o batismo em água?

26. De que maneira a Bíblia relaciona a soberania de Deus à salvação?

27. O que a Bíblia ensina a respeito da extensão da depravação do homem?

28. O que a obra de expiação consumada por Cristo realizou em favor dos crentes?

29. O que a Bíblia ensina a respeito da perseverança e da preservação dos crentes?

30. Qual é a utilização correta da lei do Antigo Testamento?

31. Como você articula sua opinião a respeito dos assuntos escatológicos e dos finais dos tempos?

32. Você crê que Jesus nasceu de uma virgem? Qual a importância desta sua crença?

33. Qual a sua interpretação dos ensinamentos bíblicos sobre o inferno?

34. Você acredita que os acontecimentos descritos em Gênesis 1 a 11 são verdadeiros ou simbólicos?

35. O que a Bíblia ensina em referência aos dons espirituais? Descreva sua opinião a respeito de profecias e falar em línguas.

36. O que você pensa sobre o divórcio e o novo casamento? Você segue estritamente esses pensamentos em sua prática?

37. Qual a sua opinião sobre a frase “é necessário, portanto, que o bispo [pastor] seja... esposo de uma só mulher” (1 Tm 3.2)?

38. Quais são as suas exigências para realizar uma cerimônia de casamento?

39. Explique suas opiniões sobre a disciplina da igreja. Relate alguma experiência pessoal.

40. Como você lidaria com um caso de escândalo ou imoralidade praticado por um membro da igreja?

41. O que você pensa a respeito do aborto?

42. Muitas crianças que pareciam ter sido convertidas na infância não demonstram mais tarde qualquer evidência de conhecerem a Cristo. Como você lida com crianças quando elas o procuram, para aconselharem-se a respeito da conversão?

43. Qual é um método útil para receber novos membros na igreja?

Quais são os requisitos para isso?

44. Qual a sua opinião sobre os estilos de música da igreja?

45. Quem deve conduzir a adoração na igreja? Por quê? Que métodos de liderar a adoração corporativa são apropriados? Quais são impróprios?

46. O que a Bíblia diz sobre o propósito das reuniões semanais da igreja?

47. Qual o seu ponto de vista a respeito do levantamento de recursos monetários para os vários projetos da igreja? A igreja deveria pedir dinheiro a pessoas que não pertencem à sua membresia?

48. Quais as suas convicções sobre dívidas na igreja local?

49. O que a Bíblia ensina sobre mulheres no ministério pastoral?

50. O que a Bíblia ensina a respeito de como a igreja deve tomar suas decisões?

51. Como um pastor e sua igreja devem se relacionar com outras igrejas locais e (se filiada a uma denominação) no âmbito mais amplo? Você se sente tranqüilo em cooperar com outras denominações? Você estabelece algumas diretrizes?

52. Quais são as responsabilidades bíblicas dos presbíteros? Existem distinções entre presbíteros, pastores e bispos?

53. Quais são as responsabilidades bíblicas dos diáconos? Como devem se relacionar os diáconos e os pastores?

54. Que ênfase você atribui à liderança dos pais em suas famílias, especialmente no que diz respeito à adoração familiar. Você se envolve pessoalmente na adoração familiar, juntamente com sua esposa e filhos?

55. Qual a sua visão missionária para a igreja? De que maneira você está demonstrando interesse e envolvimento em missões?

Para ser um ministro bom e fiel, um pastor não tem de fornecer uma resposta completa e imediata para todas essas perguntas. Em algumas dessas perguntas, será aceitável se ele apenas disser: “Eu não sei”; ou: “Ainda não tenho a minha opinião completamente desenvolvida sobre este assunto”.

Entretanto, acatelem-se de um pastor que parece estar evitando apresentar respostas claras. Certamente, em algumas dessas perguntas, ele achará necessário definir termos e esclarecer sua resposta. Sigam em frente cautelosamente, até que ele torne sua opinião tão clara quanto possível.

Se necessário, podem ser feitas outras perguntas sobre assuntos como o Movimento de Crescimento de Igreja, educação familiar, maçonaria, o Movimento Nova Era, atividade política na igreja, relacionamento com outros ministérios ou movimentos evangélicos, etc. Perguntas sobre outros assuntos doutrinários de grande importância devem ser feitas, se necessário (por exemplo, a divindade de Cristo, a aceitação da Trindade, etc.). Tanto o comitê de avaliação como a igreja devem ficar satisfeitos a respeito de qualquer assunto sobre o qual desejem discutir.

RESOLUÇÕES DE JONATHAN EDWARDS

Como era comum aos jovens da sua época, Jonathan Edwards escreveu uma lista de resoluções, comprometendo-se a viver uma vida TEOCÊNTRICA em harmonia com os outros. Esta lista, resumida neste artigo, foi escrita provavelmente no ano de 1722 e foi crescendo ao longo dos anos, quando novas resoluções eram acrescentadas. A lista tem um total de 70 resoluções. Os trechos resumidos abaixo dão o exemplo da seriedade e firmeza com as quais Jonathan Edwards encarava a vida.

Estando ciente de que sou incapaz de fazer qualquer coisa sem a ajuda de Deus; humildemente Lhe rogo que, através de sua graça, me capacite a cumprir fielmente estas resoluções, enquanto elas estiverem dentro da sua vontade, em nome de Jesus Cristo.

RESOLVI que farei tudo aquilo que seja para a maior glória de Deus e para o meu próprio bem, proveito e agrado, durante toda a minha vida.

RESOLVI que farei tudo o que sentir ser o meu dever e que traga benefícios para a humanidade em geral, não importando quantas ou quão grandes sejam as dificuldades que venha a enfrentar.

RESOLVI jamais desperdiçar um só momento do meu tempo; pelo contrário, sempre buscarei formas de torná-lo o mais proveitoso possível.

RESOLVI jamais fazer alguma coisa que eu não faria, se soubesse

que estava vivendo a última hora da minha vida.

RESOLVI jamais cansar de procurar pessoas que precisem do meu apoio e da minha caridade.

RESOLVI jamais fazer alguma coisa por vingança.

RESOLVI manter vigilância constante sobre a minha alimentação e aquilo que bebo, para ser sempre comedido.

RESOLVI jamais fazer alguma coisa que, se visse outra pessoa fazendo, achasse motivo justo para repreendê-la ou menosprezá-la.

RESOLVI estudar as Escrituras tão firme, constante e frequentemente, que possa perceber com clareza que estou crescendo continuamente no conhecimento da Palavra.

RESOLVI esforçar-me ao máximo para que a cada semana eu cresça na vida espiritual e no exercício da graça, além do nível em que estava na semana anterior.

RESOLVI que me perguntarei ao final de cada dia, semana, mês, ano, como e onde eu poderia ter agido melhor.

RESOLVI renovar frequentemente a dedicação da minha vida a Deus que foi feita no meu batismo e que eu refaço solenemente neste dia, 12 de janeiro de 1722.

RESOLVI, a partir deste momento e até à minha morte, jamais agir como se a minha vida me pertencesse, mas como sendo total e inteiramente de Deus.

RESOLVI que agirei da maneira que, suponho, eu mesmo julgarei ter sido a melhor e a mais prudente, quando estiver na vida futura.

RESOLVI jamais relaxar ou desistir, de qualquer maneira, na minha luta contra as minhas próprias fraquezas e corrupções, mesmo quando eu não veja sucesso nas minhas tentativas.

RESOLVI sempre refletir e me perguntar, depois da adversidade e das aflições, no que fui aperfeiçoado ou melhorado através das dificuldades; que benefícios me vieram através delas e o que poderia ter acontecido comigo, caso tivesse agido de outra maneira.

Apesar da sua biografia apresentar contrastes dramáticos, estas são,

na realidade, apenas algumas facetas diferentes de uma afinidade com um Deus SOBERANO. Assim, Jonathan Edwards tanto pregava sermões vívidos sobre o fogo do inferno, quanto se expressava em poesia e de forma lírica em suas apreciações sobre a natureza, pois o Deus que criou o mundo em toda a sua beleza, também é perfeito em sua santidade.

Edwards combinava o exercício mental e intelectual de um gigante com piedade quase infantil, pois ele percebia Deus tanto como infinitamente complexo quanto como maravilhosamente simples. Na sua igreja em Northampton, sua consistente exaltação da majestade divina gerou muitas reações diferentes — primeiro ele foi exaltado como grande líder e, em seguida, foi demitido do seu púlpito.

Edwards sustentava a doutrina de que o Deus onipotente exigia arrependimento e fé das suas criaturas humanas; por isso, ele proclamava tanto a absoluta soberania de Deus quanto as urgentes responsabilidades dos homens.

(Mark Noll - *Christian History*, vol. 6, no. 4. Originalmente publicado em português pelo *Jornal Os Puritanos*, Ano I, Número 3, Agosto/1992).

☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆

*“Jesus... tendo amado os seus
que estavam no mundo, amou-os até ao fim.”*

João 13.1

CALVINISMO *VERSUS* ARMINIANISMO

David N. Steele e Curtis Thomas

Este breve artigo contrasta, de maneira clara e concisa, os Cinco Pontos do Calvinismo com os Cinco Pontos do Arminianismo. Foi extraído de *Romans: An Interpretative Outline* (Romanos — Um Esboço Interpretativo).

CINCO PONTOS DO ARMINIANISMO	CINCO PONTOS DO CALVINISMO
<p data-bbox="181 784 453 841" style="text-align: center;">LIVRE-ARBÍTRIO OU HABILIDADE HUMANA</p> <p data-bbox="126 878 525 1511">Embora a natureza humana tenha sido gravemente afetada pela Queda, o homem não foi deixado em um estado de total incapacidade espiritual. Deus graciosamente capacita cada pecador a se arrepender e crer, mas Ele não interfere na liberdade do homem. Cada pecador possui uma vontade livre e seu eterno destino depende de como ele a utiliza. A liberdade do homem consiste em sua habilidade de escolher o bem, em lugar do mal, nos assuntos espirituais. A vontade do homem não está escravizada à sua natureza pecaminosa. O pecador tem o poder de cooperar com o Espírito de Deus e ser regenerado ou de resistir a graça de Deus e perecer eternamente. O pecador per-</p>	<p data-bbox="618 784 900 841" style="text-align: center;">DEPRAVAÇÃO TOTAL OU INCAPACIDADE TOTAL</p> <p data-bbox="554 878 953 1511">Por causa da Queda, o homem é, por si mesmo, incapaz de crer de maneira salvífica no evangelho. O pecador está morto, cego e surdo para as coisas de Deus; seu coração é enganoso e desesperadamente corrupto. Sua vontade não é livre, está em escravidão à sua natureza pecaminosa; por isso, ele não escolhe — e realmente não pode escolher — o bem, ao invés do mal. Conseqüentemente, é necessário muito mais do que apenas a assistência do Espírito Santo, para trazer um pecador a Cristo; é necessário acontecer a regeneração por meio da qual o Espírito Santo vivifica o pecador e lhe dá uma nova natureza. A fé não é algo que o homem contribui para a sua salvação; pelo</p>

<p>dido necessita da assistência do Espírito de Deus; todavia, ele não tem de ser regenerado pelo Espírito Santo, antes que seja capaz de crer, pois a fé é um ato humano e precede o novo nascimento. A fé é o dom do pecador para Deus; é a contribuição do homem para a sua salvação.</p>	<p>contrário, é uma parte do divino dom da salvação. A fé é um dom de Deus outorgado ao pecador, não é um dom do pecador para Deus.</p>
<p style="text-align: center;">ELEIÇÃO CONDICIONAL</p> <p>Deus escolheu certos indivíduos para a salvação, antes da fundação do mundo, fundamentado em sua previsão de que eles atenderiam a chamada divina. Deus selecionou aqueles que Ele sabia creariam, por si mesmos, espontaneamente, no evangelho. A eleição, portanto, foi determinada ou condicionada ao que o homem faria. A fé que Deus viu antecipadamente e sobre a qual Ele fundamentou sua eleição não foi dada por Deus ao pecador (nem criada pelo poder regenerador do Espírito Santo); foi o resultado exclusivo da vontade humana. Foi deixado inteiramente ao homem aquilo que diz respeito a quem haveria de crer e, deste modo, quem seria eleito para a salvação. Deus escolheu aqueles que Ele sabia escolheriam a Cristo, por sua livre vontade. Assim a escolha do pecador por Cristo, e não escolha de Deus pelo pecador, é a causa essencial da salvação.</p>	<p style="text-align: center;">ELEIÇÃO INCONDICIONAL</p> <p>Deus escolheu certos indivíduos para a salvação, antes da fundação do mundo, fundamentado tão-somente em sua vontade soberana. A escolha divina de alguns pecadores em particular não se baseou em qualquer resposta de obediência por parte do pecador, vista por antecipação, tal como a fé, o arrependimento, etc. Deus outorga a fé e o arrependimento a cada pessoa que Ele mesmo escolheu. Esses atos são o resultado e não a causa da eleição divina. A eleição, portanto, não foi determinada pela escolha ou condicionada a qualquer qualidade virtuosa vista de antemão no homem. Aqueles que Deus escolheu soberanamente, Ele os traz a aceitarem voluntariamente a Cristo, por intermédio do poder do Espírito Santo. Deste modo, a escolha do pecador por parte de Deus, e não a escolha de Cristo por parte do pecador, é a causa essencial da salvação.</p>
<p style="text-align: center;">REDENÇÃO UNIVERSAL OU EXPIAÇÃO GERAL</p> <p>A obra redentora de Cristo tornou possível que cada homem seja</p>	<p style="text-align: center;">REDENÇÃO PARTICULAR OU EXPIAÇÃO LIMITADA</p> <p>A obra redentora de Cristo tinha o propósito de salvar apenas os</p>

<p>salvo, mas não assegura realmente a salvação de ninguém. Embora Cristo tenha morrido por todos os homens e em favor de cada indivíduo, somente aqueles que creem nEle serão salvos. A morte de Cristo capacitou Deus a perdoar pecadores sob a condição de que creiam, mas realmente não remove os pecados deles. A redenção realizada por Cristo torna-se eficaz apenas se o homem decidir aceitá-la.</p>	<p>eleitos e realmente assegurou a salvação para eles. A morte de Cristo foi um suportar vicariamente a penalidade do pecado, em lugar de certos pecadores específicos. Além de remover os pecados de seu povo, a redenção de Cristo assegura tudo que é necessário à salvação deles, incluindo a fé que os une a Cristo. O dom da fé é aplicado de maneira infalível pelo Espírito Santo a todos aqueles em favor dos quais Cristo morreu, garantindo, deste modo, a salvação deles.</p>
<p style="text-align: center;">O ESPÍRITO SANTO PODE SER EFICAZMENTE RESISTIDO</p> <p>O Espírito Santo chama de maneira íntima todos aqueles que são chamados exteriormente através do convite do evangelho. Ele faz tudo o que pode para trazer o pecador à salvação. Mas, visto que o homem é livre, ele pode resistir com sucesso a chamada do Espírito Santo. O Espírito Santo não pode regenerar o pecador, enquanto este não crer; a fé (que é a contribuição do homem) precede e torna possível o novo nascimento. Assim, a vontade do homem limita o Espírito Santo na aplicação da obra salvífica de Cristo. O Espírito Santo só pode atrair a Cristo aqueles que permitirem que Ele realize sua obra. Até que o pecador responda favoravelmente, o Espírito Santo não pode lhe dar vida. Por conseguinte, a graça de Deus não é invencível; ela pode ser, e com freqüência o é, resistida e frustrada pelo homem.</p>	<p style="text-align: center;">A GRAÇA EFICAZ (OU IRRESISTÍVEL)</p> <p>Em complemento da chamada externa e geral para a salvação, chamada dirigida a todos que ouvem o evangelho, o Espírito Santo estende aos eleitos uma chamada interior e especial que inevitavelmente os traz à salvação. A chamada interior (dirigida tão-somente aos eleitos) não pode ser resistida; sempre resulta em conversão. Por intermédio dessa chamada especial, o Espírito Santo atrai de maneira irresistível o pecador a Cristo. Ele não é limitado pela vontade humana em sua obra de aplicar a salvação; tampouco depende da cooperação do homem para ser bem-sucedido. O Espírito Santo leva graciosamente o pecador eleito a cooperar, a crer, a arrepender-se, a vir espontânea e livremente a Cristo. A graça de Deus, portanto, é invencível; ela nunca falha em resultar na salvação daqueles a quem ela é estendida.</p>

CAIR DA GRAÇA	PERSEVERANÇA DOS SANTOS
<p>Aqueles que crêem e são verdadeiramente salvos podem perder a sua salvação, por deixarem de preservar a sua fé, etc. Todos os arminianos não concordam nesse ponto; alguns afirmam que os crentes estão eternamente seguros em Cristo e que, tendo sido regenerados, eles não podem ser mais perdidos.</p>	<p>Todos os que são eleitos por Deus, redimidos por Cristo e recebem a fé por intermédio do Espírito Santo são eternamente salvos. Eles são guardados na fé pelo poder do Deus todo-poderoso e, deste modo, preservados até ao final.</p>

DE ACORDO COM O ARMINIANISMO:

A salvação é um resultado da combinação dos esforços de Deus (que toma a iniciativa) e do homem (que tem de responder à iniciativa divina), mas a resposta do homem é o fato determinante. Deus providenciou a salvação para todos; essa provisão, porém, se torna efetiva somente para aqueles que, por sua própria vontade, escolherem cooperar com Deus e aceitarem sua oferta de graça. Nesse ponto crucial, a vontade do homem desempenha um papel decisivo. Assim, o homem, e não Deus, resolve quem serão os recipientes da salvação.

DE ACORDO COM O CALVINISMO:

A salvação é realizada pelo poder do Deus triúno. O Pai escolheu um povo, o Filho morreu por esse povo, e o Espírito Santo torna a morte de Cristo eficaz, ao trazer os eleitos à fé e ao arrependimento, levando-os a obedecerem voluntariamente ao evangelho. Todo o processo (eleição, redenção e regeneração) é uma obra de Deus, realizada tão-somente pela graça. Assim, Deus, e não o homem, determina quem serão os recipientes do dom da salvação.

☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆ ☆

A erudição e a posição eclesiástica não são provas de que o ministro de Cristo é instruído pelo Espírito.

J. C. Ryle

Eleição

Walter Thomas Conner

A Bíblia ensina não somente que Deus tem um plano geral que está se realizando na história da humanidade, mas também que o propósito de Deus se aplica ao indivíduo. Quando alguém é salvo, isto não acontece como resultado do acaso, destino, sorte ou acidente: é salvo como resultado da realização do eterno propósito divino. Deus salva uma pessoa, porque resolveu fazê-lo. Ele salva um homem em particular, em um tempo específico, sob a influência de um determinado conjunto de circunstâncias, porque Ele planejou assim fazer.

A eleição não significa que Deus estabeleceu um plano geral de salvação e decretou que toda pessoa que desejar será salva, bem como não significa que aquele que quiser ser salvo é um eleito no sentido de que se colocou no objetivo do plano de Deus para a salvação do homem. É verdade que Deus decretou que quem quiser aceitar o evangelho será salvo; mas a eleição é algo mais específico e pessoal. Ela significa que Deus decretou trazer certas pessoas à fé em Cristo, pessoas sobre as quais Deus colocou seu coração desde a eternidade, pessoas que são objeto do seu amor eterno.

Na Bíblia, a salvação é sempre atribuída a Deus. Salvar é obra divina. No entanto, salvar inclui realizar a mudança de coração e mente que chamamos conversão. Não é verdade que o pecador em seu íntimo, por si mesmo, se arrepende e crê e, em seguida, Deus entra no processo de salvação, trazendo-lhe perdão. Não, Deus estava no processo de salvação desde o início. Ele agiu para produzir arrependimento e fé. Trabalhou para criar as circunstâncias sobre as quais Ele poderia conceder perdão. Ele busca o pecador. Submetemo-nos a um Deus que nos atraiu a Si mesmo. Nós O buscamos porque Ele nos buscou primeiro. O evangelho de Cristo é o evangelho de um Deus que busca o homem. Atrair-me a Cristo é a obra de Deus. Sem esse poder que atrai, os homens não podem vir a Cristo (Jo 6.44).

É fácil confundir curiosidade intelectual com fome espiritual.

François Fenelon

A INCAPACIDADE DA VONTADE HUMANA

Arthur W. Pink

Está na esfera da vontade humana a capacidade de aceitar ou rejeitar o Senhor Jesus como Salvador? Visto que o evangelho é anunciado ao pecador e que o Espírito Santo o convence de sua condição de perdido, está no poder de sua própria vontade resistir ou render-se a Deus? As respostas destas perguntas definem nossa opinião a respeito da depravação do homem.

Todos os crentes concordam com o fato de que o homem é uma criatura caída. Mas, freqüentemente, é muito difícil determinar o que eles querem dizer ao utilizarem o vocábulo “caído”. A impressão geral parece ser esta: o homem não está mais na mesma condição em que saiu das mãos do Criador; ele está sujeito a enfermidades e herdou tendências perversas; mas, se empregar ao máximo as suas habilidades, o homem será, de alguma maneira, capaz de desfrutar o máximo da felicidade.

Oh! quão distante isso está da terrível verdade! Enfermidades, doenças e a morte física são apenas ni-

nharias em comparação com os resultados morais e espirituais da Queda! Somente quando examinamos as Escrituras Sagradas, podemos obter alguma idéia correta a respeito da extensão dessa terrível calamidade. Quando dizemos que o homem é totalmente depravado, estamos afirmando que a entrada do pecado na constituição humana afetou todas as partes e todas as faculdades do homem. A depravação total significa que o homem, em seu corpo, alma e espírito, é escravo do pecado e servo de Satanás — está andando de acordo com “o príncipe da potestade do ar, do espírito que agora atua nos filhos da desobediência” (Ef 2.2).

Não precisamos argumentar em favor desta verdade; é um fato comum da experiência dos homens. O homem é incapaz de atingir suas próprias aspirações e concretizar seus próprios ideais. Ele não pode fazer as coisas que gostaria de fazer. Existe uma incapacidade moral que o paralisa. Esta é uma prova de que ele não é um ser livre e que, ao contrá-

rio disso, é um escravo do pecado e de Satanás. “Vós sois do diabo, que é vosso pai, e quereis satisfazer-lhe os desejos” (Jo 8.44).

O pecado é muito mais do que uma atitude ou uma série de atitudes; é a constituição do próprio homem. O pecado cega o entendimento, corrompe o coração e separa o homem de Deus. E a vontade do homem não escapou dos efeitos do

pecado. A vontade está sob o domínio do pecado e de Satanás. Portanto, a vontade não é livre. Em resumo, as afeições amam e a vontade escolhe de acordo com o estado do coração; e, visto que este é enganoso e desesperadamente corrupto, mais do que todas as coisas, “não há quem entenda, não há quem busque a Deus” (Rm 3.11).

“AQUELE QUE INVOCAR O NOME DO SENHOR”

João Calvino

E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do SENHOR será salvo; porque, no monte Sião e em Jerusalém, estarão os que forem salvos, como o SENHOR prometeu; e, entre os sobreviventes, aqueles que o SENHOR chamar.

Joel 2.32

Deus afirma que a invocação de seu nome, em uma situação de desespero, é um refúgio seguro. O que Joel havia profetizado era terrível — toda a ordem da natureza seria mudada de tal modo, que não aparecia qualquer sinal de vida, e todos os lugares ficariam repletos de trevas. Portanto, neste versículo, era como se Joel estivesse dizendo que, se os homens invocassem o nome de Deus, a vida seria encontrada mesmo no sepulcro.

Visto que é Deus quem convida o perdido e morto, não há motivo para que as mais intensas aflições obstruam o nosso acesso ou o de nossas orações até Deus. Se existe uma promessa de salvação e livramento para todos os que invocarem o nome do Senhor, concluímos que, conforme o apóstolo Paulo argumentou, a doutrina do evangelho também é para os gentios. Haveria grande presunção em nós mesmos, se nos apresentássemos diante de Deus, sem que Ele nos houvesse outorgado a confiança e a promessa de ouvir-nos. Aprendemos disso que, embora Deus possa afligir muito a sua igreja, ela será perpetuada no mundo, visto que não pode ser destruída, assim como não pode ser destruída a verdade de Deus, imutável e eterna.

A SOBERANA VONTADE DE DEUS

Don Haddleton

Em qualquer época, desastres e tempos difíceis podem vir sobre o crente: a morte de uma pessoa querida, enfermidade, perdas irreversíveis nos negócios, divisões na família, etc. Poderíamos continuar a lista, acrescentando-lhe nossas experiências pessoais. De maneira contrária ao ensino bastante divulgado nas igrejas, os crentes não estão isentos de problemas e aflições dos quais a carne humana é herdeira. Na verdade, os crentes têm de esperar que compartilharão plenamente de sofrimentos neste mundo, por serem filhos de um Deus vivo. O Senhor Jesus mesmo lhes prometeu perseguições nesta vida. Se não estamos passando ou sendo atribulados por algum teste ou prova de nossa fé, devemos parar e questionar a nós mesmos sobre a realidade de nossa experiência cristã. As Escrituras afirmam claramente que o Senhor disciplina todos aqueles que são seus filhos. Se não estamos sendo disciplinados, o autor inspirado afirmou com ousadia que somos bastardos (Hb 12.8).

Mesmo aqueles que, no meio evangélico, abraçaram o evangelho “da riqueza e da saúde” e suas multiformes variações, reconhecem que suas próprias vidas negam o ensino deste evangelho. Eles têm experimentado provações em suas vidas. Conhecendo o ensino claro das Escrituras a respeito das aflições que sobrevirão às nossas vidas, precisamos, como eleitos de Deus, entender os motivos que estão por trás das provações. Temos de vigiar nossas reações e o modo como nos comportamos quando estamos passando por essas provações.

As aflições sobrevêm às nossas vidas, pelo menos, por meio destes três instrumentos:

1. Por meio de nossas atitudes imprudentes, julgamentos incorretos, idéias extravagantes, orgulho e falta de discernimento espiritual.

2. Por meio das atitudes irrefletidas ou deliberadas de outras pessoas. Estas são áreas sobre as

quais temos pouquíssima influência.

3. Por meio do curso natural dos acontecimentos. Estas são áreas sobre as quais não temos nenhum controle ou influência.

Temos de aceitar, pelo menos em alguma medida, a responsabilidade pelas aflições que nos sobrevêm como resultado de nossos próprios erros; mas, se a aflição permanece sobre nós, demonstramos a tendência de reclamar para Deus que as coisas estão indo muito longe e começamos a duvidar de seu amor e de seus motivos em permitir que nossas aflições continuem. As áreas mencionadas nos dois últimos pontos são as que nos trazem as maiores dificuldades. “Como pode um Pai tão amoroso permitir que tais coisas aconteçam aos seus próprios filhos?” Não podemos emitir em público esse sentimento. No entanto, em nossos sentimentos mais íntimos e, às vezes, em nossas orações particulares, expressamos tais sentimentos petulantes.

Nossa incapacidade para entender os motivos e aceitar as diversas aflições que sobrevêm à nossa vida resulta do fato de que olhamos para os instrumentos humanos pelos quais estas aflições aparecem em nossa

vida, e não para a verdadeira fonte destas aflições e provações. Nós as vemos como se viessem do homem e até do diabo, e não as vemos como se viessem das mãos de um Deus soberano e amável. Atribuímos tudo à “má sorte”, a um “acidente” ou mesmo a uma “ação do inimigo”. Assaltamos o trono da graça com a súplica constante de que nossa aflição seja removida de nós. Mas perdemos de vista o fato de que as

Mesmo aqueles que, no meio evangélico, abraçaram o evangelho “da riqueza e da saúde” e suas multiformes variações, reconhecem que suas próprias vidas negam o ensino deste evangelho.

Escrituras revelam o Senhor como a causa fundamental de todas as coisas que sobrevêm às nossas vidas, quer sejam boas, quer sejam más. Embora Deus mesmo não seja o autor do pecado, e não nos tente a pecar, e não nos leve ao pecado, está crucialmente envol-

vido em tudo que nos acontece. Na verdade, querido leitor, as próprias provações que você está experimentando agora fazem parte do plano de Deus para a sua vida. Esta é a soberana vontade de Deus para você.

A menos que você e eu cheguemos ao ponto de crer e aceitar a soberania de Deus sobre as nossas vidas e sobre tudo o que nos acontece, não seremos capazes de reagir de uma maneira cristã em relação a tudo que nos ocorre nesta peregrinação. Na verdade, não seremos capazes de lutar contra o mundo conforme ele é hoje. Poderemos ser

vencidos, desencorajados e alarmados, se não reconhecermos que Deus, por meio de sua vontade soberana e imutável, está no pleno controle de todas as coisas. É absolutamente necessário que nos apeguemos a esta doutrina da soberana vontade de Deus em, por meio de e sobre todas as coisas. Nada em nossa vida é acidente, incidente ou coincidência.

Jó reconheceu isto, quando disse, em meio às suas terríveis aflições: “Temos recebido o bem de Deus e não receberíamos também o mal?” (Jó 2.10) A sua esposa lhe havia su-

gerido que amaldiçoasse a Deus e morresse; Jó, porém, ainda que não pudesse entender o motivo, discerniu corretamente que todas as suas aflições haviam sido, de alguma maneira, enviadas por Deus. Jó estava expressando o fato de que, embora o homem seja uma criatura racional e responsável por suas decisões e atitudes, Deus ainda é soberano e realiza a sua própria vontade, sem pisotear a nossa. Esta soberania de Deus é a rocha sobre a qual repousa a consolação do crente.

DEUS É SOBERANO E O HOMEM É RESPONSÁVEL

R. B. Kuiper

Não se pode imaginar a soberania de Deus como se ela eliminasse a responsabilidade do homem. Como os mais cultos e competentes teólogos e filósofos se mostraram incapazes de conciliar soberania divina com responsabilidade humana perante o tribunal da razão, sempre se corre o risco de dar ênfase a uma delas em detrimento — ou mesmo com a exclusão — da outra. Mas a Bíblia ensina as duas verdades com grande ênfase. Aquele que aceita com humilde fé a Bíblia como a infalível Palavra de Deus, dará vigoroso destaque tanto a uma como à outra. Portanto, o pregador do evangelho tem de dizer ao pecador não apenas que a salvação é somente pela graça soberana, mas também que, para ser salvo, ele precisa crer em Jesus Cristo como Salvador e Senhor. Por um lado, deve pregar que os eleitos de Deus serão salvos com toda a segurança; por outro lado, deve proclamar a advertência de que aquele que não crê no Filho não verá a vida, mas a ira de Deus permanece sobre ele (João 3.36).

O FIM DO MUNDO

O. Palmer Robertson

Muitas pessoas não o sabem, mas este mundo chegará ao fim. Elas pensam que o mundo existirá por tempo indeterminado, devido ao fato que ele permanece da mesma maneira desde que o conhecem. Alguns imaginam: quando o nosso sol extinguir-se, então, o mundo chegará ao fim; ou: se acontecer uma guerra nuclear, a humanidade deixará de existir. Entretanto, independentemente dessas perspectivas, as pessoas sentem que o mundo simplesmente perpetuará sua existência.

Aqueles que mantêm esse ponto de vista ignoram duas coisas. Primeira: o mundo já sofreu uma destruição catastrófica, ou seja, o Dilúvio, na época de Nôe. Deus julgou o mundo antigo por causa de sua depravação e executará juízo sobre o mundo novamente. Segunda: as palavras de Jesus e da Bíblia a respeito do fim do mundo.

O que podemos conhecer sobre o fim deste mundo? O que nos espera adiante? Considere estas seis verdades sobre as quais você pode ter certeza.

1. JESUS VOLTARÁ

Jesus, o eterno Filho de Deus, já

veio a este mundo, como alguém especialmente comissionado por Deus, o Pai. Ele nasceu de uma virgem, curou enfermos e ressuscitou mortos; ao ser crucificado e morto, sofreu o castigo que os pecadores mereciam; ressuscitou dentre os mortos ao terceiro dia e agora está entronizado, com poder, à direita de Deus.

Ele virá a este mundo novamente. Mas, naquela ocasião, será em glória, com todos os anjos de Deus. Sua volta não será apenas uma manifestação espiritual; Ele retornará em forma física, de modo que todos os homens O vejam. Eles saberão que é o próprio Senhor Jesus e não outra pessoa qualquer (Mt 24.27-44).

2. OS MORTOS SERÃO RESSUSCITADOS

Deus, que no princípio criou o homem do pó da terra e soprou em suas narinas o fôlego da vida, trará de volta à vida todas as pessoas que já viveram na face da terra. O mar entregará os seus mortos. Os sepulcros serão esvaziados. Deus, por intermédio de seu poder criativo, fará os mortos reviverem (Ap 20.11-15).

3. OS CÉUS E A TERRA QUE AGORA CONHECEMOS SERÃO DESTRUÍDOS

Deus prometeu que águas de dilúvio jamais cobrirão a terra outra vez. Enquanto a terra existir, haverá dia e noite, e as estações do ano continuarão. Mas virá o dia em que toda a terra, outros planetas e estrelas distantes serão destruídos (2 Pe 3.1-12).

4. NOVOS CÉUS E UMA NOVA TERRA SERÃO CRIADOS

Deus não será frustrado em seu plano de estabelecer um mundo onde não existe pecado, tristeza e dor. Após destruir este mundo corrompido, juntamente com toda a sua depravação e pecaminosidade, Ele criará novos céus e nova terra. Nestes haverá beleza e harmonia em todos os lugares. Santidade e amor estarão presentes em todos os relacionamentos. O pecado e o mal já não mais existirão nos corações dos homens (2 Pe 3.13).

5. SERÁ REALIZADO UM GRANDE JULGAMENTO

Todas as criaturas, tanto anjos como homens, se apresentarão diante de Deus a fim de prestarem contas de tudo que houverem feito. Quando as cortinas forem abertas para este último julgamento, as pessoas serão posicionadas à direita ou à esquerda do trono de Deus. Os que estiverem à direita desfrutarão de bênçãos eternas; serão recompensados de acordo com as boas obras que realizaram.

Mas os que estiverem à esquerda serão condenados à eterna perdição

e banidos da presença de Deus. Serão punidos com justiça de acordo com as obras ímpias que praticaram (Mt 25.32-46).

6. SERÁ INICIADA A ÚLTIMA ERA, QUE CONTINUARÁ POR TODA A ETERNIDADE

Na eternidade passada, a terra não existia. Então, Deus falou e um mundo perfeito veio à existência (Gn 1.31). Todavia, a rebeldia dos primeiros seres humanos contra a autoridade de Deus trouxe o mundo a uma condição de depravação pecaminosa. Em sua misericórdia, Deus prometeu enviar um Salvador, que venceria o diabo e as forças malignas (Gn 3.15). No tempo certo, Jesus Cristo veio ao mundo. Após consumir sua obra redentora, Ele comissionou seus seguidores a propagar as boas-novas sobre a salvação a todos os confins da terra (Mt 28.18-20).

Estas são as grandes épocas que o mundo, nossa habitação, tem experimentado até agora. Mas ainda falta uma grande Era. Esta continuará para sempre. Nesta última Era, pureza e paz existirão em perfeição. Jesus Cristo será honrado pelos homens e os anjos por causa da grande obra de redenção que Ele realizou (Fp 2.9-11; Ap 5.8-14).

Esta última Era surgirá em breve. Através de arrepender-se de seus pecados e crer no Senhor Jesus Cristo, como o Salvador dos pecadores, você pode desfrutar dessas bênçãos de Deus, por toda a eternidade. A porta da oportunidade está aberta a todos os que vierem a Cristo.

QUEM QUER SER UM MILIONÁRIO?

Peter Jeffery

Um dos mais populares programas de TV da atualidade, tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos, é o programa de perguntas e respostas “Quem quer ser um milionário?”

Recentemente, no programa britânico, um homem chegou até à última pergunta, tornando-se o possível ganhador de um milhão de libras. Ele disse que passou com facilidade e confiança por todas as perguntas anteriores. Este homem não estava brincando. Ele sabia realmente as respostas. Então, ele enfrentou a pergunta final, depois de haver ganhado meio milhão de libras. Se respondesse de maneira errada, ele perderia 468.000 libras do que já havia ganhado. Mas ele não tinha de responder a pergunta e poderia voltar para casa com as 500.000 libras.

Logo que a pergunta final lhe foi dirigida, e as quatro possíveis respostas, apresentadas, eu sabia a resposta. Disse à minha esposa: “A resposta é a letra ‘c’”. Mas eu estava

errado. O homem sabia a resposta correta e até propôs qual era tal resposta; todavia, o medo de perder 468.000 libras o deixou hesitante.

Ele sabia a resposta correta, mas estava com medo de se comprometer com ela. No final, ele não correu o risco, para ganhar um milhão de libras. Se ele o tivesse feito, teria ganhado. Naquela circunstância, você não pode culpá-lo — a certeza de ter meio milhão pareceu-lhe melhor do que a possibilidade de ganhar um milhão de libras.

O que você teria feito no lugar dele?

A coisa interessante é que muitas pessoas enfrentam um dilema semelhante no que se refere a Deus. Estou falando de pessoas que conhecem a verdade a respeito de Deus. Elas crêem no evangelho, mas não se comprometem com aquilo que reconhecem ser a verdade.

Você é esse tipo de pessoa?

Você sabe que é um pecador e que Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores. Sabe que precisa ser salvo e que Jesus pode salvá-lo, e realmente o fará, se você vier a Ele com arrependimento e fé. A questão não é: “Quem quer ser um milionário?”, e sim: “Quem quer ser um verdadeiro cristão? Ter os seus pecados perdoados? Tornar-se aceitável diante de Deus? Ir para o céu?”

Você sabe que Jesus é a única resposta para o problema do seu pecado, mas não quer se comprometer com o que reconhece ser a verdade. Você não quer fazer isso, porque tem medo do que pode perder. No entanto, você perdeu de vista o que ganhará com certeza, se vier a Cristo e tornar-se um verdadeiro cristão.

Sua posição não é semelhante à do homem do programa de perguntas e respostas — afinal de contas, ele ganhou meio milhão de libras. Se continuar rejeitando a Jesus, você perderá tudo. Não existe qualquer ganho para aqueles que recusam a oferta de Deus para a salvação. O homem do programa de TV retornou para casa feliz com o que ganhou. Mas eu me pergunto se, depois, ele não se arrependeu, por não ter demonstrado coragem semelhante às

suas convicções e não haver prosseguido, para ganhar o prêmio maior.

O maior de todos os prêmios é Cristo. Tê-lo como seu Salvador ultrapassa qualquer coisa deste mundo. Significa possuir a paz com Deus e a segurança de um lugar no céu. Significa conhecer a vitória sobre a morte e começar a desfrutar o dom da vida eterna, outorgado por Deus.

Você sabe que isso é verdade; então, por que não confia na verdade? Não estou lhe pedindo que creia em uma história imaginária ou em algo que você sabe estar errado. Estou pedindo que você se comprometa com aquilo que reconhece ser a verdade.

Se você se tornar um milionário, chegará o dia em que terá de deixar a sua riqueza. Você sabe que não pode levá-la consigo. Mas, se você tiver Cristo como seu Salvador, pode tê-Lo por toda a eternidade. Você não somente pode levá-Lo consigo, Ele vai adiante de você, na morte, e o conduz seguro ao céu de Deus. Converta-se a Jesus agora. Você sabe que o evangelho contém a promessa de que Ele não o lançará fora. Busque a Jesus em oração, peça-Lhe perdão, comece a desfrutar das riquezas que você jamais pode perder.



O que impede o homem de entrar no reino dos céus não é o fato de possuir riquezas, e sim o fato de as riquezas o possuírem.

J. Caird